

O Padre Jesuíno e "um glorioso passado"

Celso Maria de Mello Pupo

Cremos que uma das últimas obras publicadas sobre o padre Jesuíno, foi a de Mário de Andrade; dela nada mais há que dizer, uma vez que só o nome do autor já consagra um trabalho. Tratou ele da vida e das realizações do sacerdote artista, empolgado por este personagem que, no dizer de outro biógrafo, se tivesse nascido em Vinco, seria Leonardo. Mas nasceu em Santos, de pai incógnito, sendo sua mãe uma sobrinha neta do padre voador, pelo que se chamou Jesuíno Francisco de Paula Gusmão.

Pobre, dedicou-se ao "ofício de pintor, para o qual sentia muita inclinação". Religioso, frequentava assiduamente a igreja do Carmo como devoto fervoroso de Nossa Senhora sob esta invocação, logo adquirindo a amizade dos frades carmelitas, dos quais, o padre Mestre, o iniciou "na arte da música e na técnica do órgão". Mudou-se para Itu onde se casou teve filhos, ficou viúvo aos 15-4-1793, e dedicou-se à vida religiosa recebendo ordens sacras.

Nesta vila encontrou José Patrício da Silva Manso que decorava a capela mor da matriz, e que o aproveitou como ajudante, arranjando-lhe, ainda, uma encomenda de quadros executados sob a orientação do mestre. Esta foi uma partida para a arte pitórica da qual Jesuíno deixou respeitável bagagem; pintou em Itu a igreja do Carmo que lhe trouxe o convite para decorar as igrejas carmelitas de São Paulo, "tendo pintado o teto do Carmo" e "quadros grandes para os caixotões de fôrro da sua igreja de Santa Teresa".

Aqui cabe uma indagação: dêle serão as cinco grandes telas expostas no Museu Arquidiocesano de Campinas, que as recebeu em doação do convento carmelitano de São Paulo? Falta-nos os técnicos para uma identificação.

A maior obra do padre Jesuíno, foi a idealização, o "risco" e a construção da igreja de Nossa Senhora do Patrocínio de Itu. Pediu esmolas ao povo, traçou os planos, transformou-se em arquiteto e mestre de obras. E sobre o que foi a realização do padre Jesuíno, completada por ele mas inaugurada depois de sua morte, deixou descrito Antônio Augusto da Fonseca; foi obra que extasiou estrangeiros e classificada em 1862 pelo senador Firmino Rodrigues da Silva, que a considerou de "estilo original, que saiu da cabeça de um artista, que não conheceu sistema algum de arquitetura, mas que tinha na cabeça o ideal da arte".

Mas, como acontece quando as coisas boas vão a mãos mediocres, a igreja foi posteriormente reformada desaparecendo "para sempre o monumento que atestava que em Itu houve um homem de gênio artístico que tinha uma grande cabeça, assim como um grande coração e grandes virtudes".

Para a inauguração da igreja do Patrocínio, conta o mesmo historiador, o padre Jesuíno "que nunca tivera um mestre de música que lhe desse algumas lições de contraponto, escreveu as músicas para as novenas, vésperas, matinas

solenes, te-deum laudamus, pangelíngua e missa solene a dois coros que foram executadas nas grandes festas da inauguração com aplausos dos melhores mestres de música da Capital, entre os quais figurava André da Silva Gomes, compositor muito estimado naquele tempo". "Depois compôs todas as músicas precisas para as festas da Semana Santa, com matinas de quarta, quinta e sexta-feira". O padre Jesuíno e Manuel José Gomes, o nosso Maneco músico, eram amigos; este o visitava em Itu quando participava de festividades. E o padre não teria passado por Campinas em sua viagem a Goiás entre os anos de 1806 e 1811?

Muitos anos depois da morte do padre Jesuíno, Antônio Augusto da Fonseca teve ocasião de consultar Maneco músico, se ele ainda conservava músicas de composição do padre, ao que respondeu que as conservava com grande cuidado e as executava ainda "em sua rabeca". É uma coleção de músicas sacras do padre Jesuíno, que serviram para as tocatas de Manuel José Gomes, e talvez dos seus gloriosos filhos Sant'Ana Gomes e Antônio Carlos Gomes.

Este precioso acervo da obra musical do padre Jesuíno, está em Campinas, no Museu Carlos Gomes do Centro de Ciências, Letras e Artes, sob a direção dedicada de Castro Mendes, de quem dependemos para saber se são as músicas citadas por Mário de Andrade, em seu livro à folha 82, "perdidas ou de paradeiro que ainda não se conseguiu descobrir", as mesmas compostas pela conclusão do Patrocínio, como descreve o último biógrafo:

I — "Todas as obras a serem cantadas nas festas inaugurais da igreja de N. S. do Patrocínio de Itu. Perdidas ou de paradeiro que ainda não se conseguiu descobrir".

II — "Obras para as festas do Santíssimo Sacramento dessa mesma igreja. No mesmo caso das obras nomeadas no número anterior".

III — "Matinas de Quarta, Quinta e Sexta-Feira Santas, para a mesma igreja do Patrocínio. Na mesma situação dos dois números anteriores.

Jesuíno teve de seu casamento os filhos: Elias nascido em 1786 e falecido menor; Maria batizada aos 8-7-1787, freira; padre Elias do Monte Carmelo, batizado em 17-5-1789; Eliseu, escultor e entalhador, batizado em 21-10-1790, e padre Simão Stok, batizado em 3-4-1793 e falecido em 1876, capelão do Patrocínio.

Em casa de Jesuíno, formou-se o famoso pugilo de sacerdotes conhecidos por padres do Patrocínio, notabilizados pelas suas cogitações intelectuais e práticas penitenciais das mais rigorosas para a época, e que foram objeto de crítica de outros sacerdotes por considerar exagero tanto rigor. Mas "os padres do Patrocínio vencem pela virtude e ainda mais se estimulam com a oposição", diz Mário de Andrade.

Muitos destes sacerdotes se tornaram notáveis e de grande influência no seu tempo; dois

deles bem atestaram as grandes qualidades do grupo, pela eminência de suas personalidades na vida do país: Diogo Antonio Feijó, íntegro, virtuoso, de inatacável retidão, foi o político enérgico e corajoso que sempre enfrentou os grandes problemas que lhe surgiram, sem qualquer vacilação, mostrando uma fibra extraordinária e convicções inabaláveis. O padre Antônio Joaquim de Mello, culto e modesto, lecionando ou apostolando, foi tirado da obscuridade a que se entregou voluntariamente, para ser escolhido bispo de São Paulo; cumpridor rigoroso dos seus deveres, aceitou a mitra para desenvolver um notável e heróico trabalho de moralização, tão tenaz, tão pesado e intenso que, triunfante pelas realizações materiais e vitórias morais, sucumbiu o bispo fisicamente esgotado ao completar dez anos de episcopado.

"Glorioso Passado" é um livro recentemente publicado pela Agir, que nos traz algumas cogitações: Comuns são os juízos errôneos sobre o passado e, conseqüentemente, a indiferença por grandezas que a pátria deve conservar na memória de todas as gerações. A mudança de regime político, ofusca entendimentos e faz pensar que um passado imperial deve ser menosprezado pelas gerações novas, por vigor hoje um sistema republicano.

A honradez e o patriotismo, quando marcam uma época eternizam-na; as glórias não se apagam, os heroísmo não se proscrevem, as abnegações não se anulam, depois que entram para a história, porque esta concretização permanece sem que a possam eliminar os vendavais políticos as mutações sociais ou os saltos do progresso.

As documentações sempre se equivalem, venham desta ou daquela época; venham de arquivos oficiais ou de guardados domésticos; sejam de letras eruditas ou da simplicidade de anotações caseiras, livros de família ou lembranças íntimas. Cabe ao historiador analisá-las, interpretá-las com cultura e talento para que elas revelem seu verdadeiro significado.

No lindo livro editado pela Agir, Soares Brandão neto reproduz riquíssimo documentário; parte, relíquias de família, parte, resultados de pesquisas na elucidação do significado dos documentos em suas mãos. Escreveu com habilidade e concatenação documental, desvendando fases da vida política e da vida social do país, com o sabor da vida doméstica, da vida familiar sadia e honrada do século dezenove.

O autor presta uma homenagem ao atual herdeiro presuntivo do trono brasileiro, digno seguidor do seu grande bisavô homônimo, e reproduz a documentação referente aos direitos sucessórios de Dom Pedro Henrique, com o que se tem feito muita confusão, atribuindo se a a outro este mesmo direito. Aqui mesmo em Campinas, quando por aqui passou outro príncipe Pedro, houve quem lhe atribuisse direitos que não lhe competem.

/ss

/es

/a

/in